

Seminário Brasil 2020

Representante do BNDES: Pedro Quaresma de Araújo, economista da Área de Planejamento.

Data: 3 de março de 2008.

Local: São Paulo.

Promoção: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP).

Em 3 de março de 2008, realizou-se em São Paulo o Seminário Brasil 2020, uma iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). O seminário serviu de preparação para o “Colóquio 2010–2020: Uma Década Promissora para o Brasil?”, programado para junho de 2008 na USP, com o objetivo de estabelecer prioridades de ação para as políticas públicas relativas ao desenvolvimento brasileiro.

O objetivo do evento foi apresentar uma análise prospectiva e multidisciplinar da próxima década, abordando as principais mudanças estruturais no horizonte 2020 (estrutura demográfica, localização geográfica, distribuição de renda e gargalos), de modo a estruturar os seguintes módulos do colóquio: Ciência, Tecnologia, Universidade, Energia e Meio Ambiente.

O seminário contou com as exposições de Otaviano Canuto dos Santos Filho, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Carlos Roberto Azzoni, James T. Wright, ambos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA/USP), e José Goldemberg, do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP, cujos pontos principais são descritos a seguir.

1) Tendências Mundiais e Regionais: Horizonte 2020 – Otaviano Canuto, BID

A apresentação do professor Otaviano Canuto esteve centrada na delimitação das principais tendências mundiais e regionais para o horizonte 2020. Em linhas gerais, os cenários traçados evidenciam o confronto entre duas forças de mudança: a nova configuração da economia mundial e a transição demográfica, eventos dotados de alto grau de ineditismo.

Em primeiro lugar, observa-se a emergência de novos espaços econômicos de sucesso nas regiões mais atrasadas. Tais regiões não apenas vêm reproduzindo os avanços alcançados pelos países desenvolvidos, como, em breve, devem representar expressiva participação relativa no PIB global,¹ o que, de certa forma, é evidenciado pelo “descolamento” dessas economias da crise vivida nos Estados Unidos (EUA), que observamos atualmente. Fatores como o maior acesso a novas tecnologias, graças à redução dos custos de capital, comunicação e transportes, além dos processos de adaptação institucional, contribuem para explicar tal trajetória.

Por outro lado, a evolução da transição demográfica lança importantes desafios, sobretudo no que diz respeito ao mercado de trabalho e às pressões ambientais. Entre 2001 e 2030, 97% do crescimento populacional mundial ocorrerá nos países em desenvolvimento, principalmente em suas áreas urbanas. Além disso, analisando a pirâmide etária dos países em desenvolvimento, percebe-se uma expressiva redução da parcela da população com menos de 15 anos, resultando em um aumento anual médio da força de trabalho entre 35 e 40 milhões de habitantes até 2020.²

O deslocamento do crescimento econômico e populacional para essas novas regiões acelera significativamente a demanda mundial de energia e de recursos naturais, o que explica a alta recente dos preços das *commodities*, inclusive agrícolas. Isso é explicado não apenas pelo estágio de desenvolvimento (intensivo em recursos naturais), como também pela mudança dos padrões alimentares para uma dieta mais rica em proteínas, tendo em vista os avanços socioeconômicos experimentados na região. A depender dos cenários estimados, os preços do petróleo, dos metais e dos alimentos devem permanecer elevados no horizonte de projeção. Por motivos semelhantes, surge uma tendência de agravamento das pressões ambientais, com especial destaque para o aquecimento global, por causa do crescimento chinês.

Em relação à América Latina, o crescimento econômico atual explica-se basicamente pela elevação do preço das *commodities* e pelos programas de transferência de renda, que têm incorporado ao mercado de consumo a base da pirâmide social. No entanto, resultados mais expressivos poderiam ser

1 Segundo estimativa do Banco Mundial, em 2030, a participação dos países emergentes no PIB global será de 65% (*Global economic prospects – Managing the next wave of globalization*, World Bank, 2007).

2 Nos países desenvolvidos, o envelhecimento da população implica uma redução da força de trabalho nos próximos anos.

obtidos com a eliminação dos obstáculos institucionais que não permitem o avanço do processo de integração física da infra-estrutura na região.

2) Evolução do Brasil: Horizonte 2020 – Carlos Roberto Azzoni, FEA/USP

O professor Carlos Roberto Azzoni apresentou cenários que contemplavam, além de projeções sobre o crescimento, considerações sobre o caráter regional do desenvolvimento brasileiro ao longo do tempo. Além disso, segundo Azzoni, alguns entraves deveriam ser eliminados para permitir o crescimento no horizonte 2020.

A geração dos cenários resulta de um modelo de consistência em bases macroeconômicas, setoriais e regionais, possibilitando a projeção do nível de oferta e demanda para 80 produtos, 42 setores, 558 microrregiões nos horizontes de término dos Planos Plurianuais (PPA) do governo federal (2007, 2011, 2015, 2019 e 2023). Tal exercício resulta de um conjunto de hipóteses: (i) macroeconômicas (comércio mundial; crescimento, inflação e taxa de juros nos EUA; inflação e juros no Brasil); (ii) setoriais (tecnologia e preferências dos consumidores; exportações; investimentos; e demografia); e (iii) regionais (consumo das famílias; investimentos; governo; exportações; e demografia).

Entre os principais resultados do modelo para 2023, destacam-se: (i) o crescimento econômico médio de 3,7% a.a.; (ii) o saldo da balança comercial e das transações correntes, que decrescem sem causar problemas de vulnerabilidade externa; e (iii) a taxa de investimento, que oscila em torno de 20,2% do PIB. Ainda segundo o estudo, a elevada carga tributária, o baixo investimento público e o baixo capital humano são os principais fatores que impedem um crescimento mais intenso da renda *per capita* no país.

Em relação ao desenvolvimento regional, o modelo traça uma evolução temporal do “centro de gravidade” da economia brasileira. Entre 1939 e 2002, poucos avanços foram obtidos em direção à resolução das disparidades regionais, uma vez que a Região Sudeste (especialmente São Paulo) liderou o crescimento nas fases de *boom* econômico registradas no período. Fazendo uma simulação com um portfólio de projetos estruturantes (Programa Brasil em Ação, do governo Fernando Henrique Cardoso), observa-se que, apesar de o “centro de gravidade” deslocar-se suavemente para as regiões mais atrasadas do Brasil, acaba por ocorrer, por meio indireto,

um expressivo vazamento do crescimento para a Região Sudeste, onde se encontra a maior parte do parque industrial brasileiro.

3) Inação ou Respostas Possíveis: Horizonte 2020 – James Wright, FEA/USP

O professor James Wright fez uma apresentação sobre o horizonte 2020, tendo como referencial a construção do futuro sob a ótica de empresas proativas e organizações humanas dinâmicas (públicas e/ou privadas).

Segundo Wright, a adoção de uma visão global constitui um grande desafio para as empresas brasileiras em processo de internacionalização, que se deparam com a necessidade de se planejar para horizontes cada vez mais longos (10, 15 anos). Essa visão global caracteriza-se, basicamente, pelos seguintes pontos: (i) fazer negócios em todo o mundo, independentemente da localização, produção e mercados; (ii) reconhecer as potencialidades das diferentes culturas na contratação de colaboradores/fornecedores; (iii) conhecer os “consumidores globais”, atendendo às suas necessidades, independentemente da localização; (iv) enfrentar a concorrência em todo o mundo; (v) aproveitar globalmente as oportunidades e negócios; e (vi) estar permanentemente atualizado em relação à tecnologia.

Em seguida, Wright apresentou quatro cenários para o Brasil em 2020, tendo como “forças motrizes” o grau de internacionalização e a integração social, resultando nas seguintes combinações:

1. **Continuidade (modernização com exclusão social):** projeto político liberal e de Estado mínimo com desenvolvimento econômico com integração externa.
2. **Consenso 2020 (desenvolvimento integrado):** projeto político social-democrata, com forte melhoria do índice de desenvolvimento humano (IDH), integração internacional produtiva e crescimento de renda e mercado interno.
3. **Resistência organizada (crescimento endógeno):** projeto político reformista que promove a inclusão social e forte distribuição de renda; a economia volta-se para o mercado interno, com exportação apenas de excedentes; autonomia política, tecnológica e econômica valorizada.

4. Crise (estagnação e pobreza): falta projeto político dominante; Estado assistencialista e clientelista; crises econômicas e de governabilidade; integração externa parcial e isolada.

Segundo a metodologia adotada, esses cenários são confrontados com cenários normativos (“desejado inviável”, “desejado viável” e “não desejado”). Um processo de planejamento, com a formulação de um plano de ação, possibilita que as organizações respondam satisfatoriamente aos desafios traçados, alcançando melhor resultado no futuro. Essa trajetória pode ser monitorada por meio de um mapa estratégico, construído com base em indicadores capazes de avaliar a consecução das metas e objetivos previstos no plano de ação.

No caso brasileiro, o principal objetivo no cenário desejado seria a melhoria da qualidade de vida da população, expressa pelo maior crescimento econômico, a melhor distribuição de renda e a redução das desigualdades regionais. Nesse sentido, atenção especial deveria ser dada ao mercado de massa, à ampliação do emprego, ao comércio internacional e à dinamização das pequenas e médias cidades.

Dessa maneira, no menor nível de agregação, os principais temas a serem monitorados no mapa estratégico brasileiro, segundo o estudo, seriam: a educação de qualidade, o acesso aos serviços de saúde e ao saneamento básico, a melhoria na qualificação da mão-de-obra, o fortalecimento das instituições públicas e privadas, os investimentos em ciência e tecnologia, a inclusão digital da população, a universalização dos serviços públicos de telecomunicações, a implantação dos sistemas intermodais de transporte, a ampliação da matriz energética renovável, a implantação de padrões de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis e o aproveitamento do potencial das florestas.

4) José Goldemberg, Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP

O professor José Goldemberg apresentou um quadro comparativo de capacidade de adaptação de tecnologias nas diversas regiões do planeta no horizonte 2020. De um total de 16 modalidades assimiladas pelos países desenvolvidos, os países da América Latina terão incorporado nove no período. Segundo o professor, os principais obstáculos ao progresso técnico na região são: a herança tecnológica, aliada a uma infra-estrutura deficiente

de C&T, os baixos investimentos em educação e P&D, além da baixa propensão a utilizar a tecnologia nos processos produtivos.

5) Considerações Finais

A participação no Seminário Brasil 2020 foi de fundamental importância para colher subsídios, orientar as discussões e confirmar as análises traçadas na construção dos cenários pela equipe da AP/DEEST para o processo de Planejamento Corporativo 2009–2014, em andamento no BNDES.

O conjunto das apresentações realizadas no Seminário Brasil 2020 pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.iea.usp.br/iea/online/midiateca/futuro/index.html>>.

Rio de Janeiro

Av. República do Chile, 100/512 – Centro
20031-917 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2172-8888 Fax: (21) 2220-2615

Brasília

Setor Bancário Sul – Quadra 1 – Bloco J/13º andar
70076-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3204-5600 Fax: (61) 3225-5510

São Paulo

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510/5º andar – Vila Nova Conceição
04543-906 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3512-5100 Fax: (11) 3512-5199

Recife

Rua Antonio Lumack do Monte, 96/6º andar – Ed. Empresarial Center II – Boa Viagem
51020-350 – Recife – PE
Tel.: (81) 2127-5800 Fax: (81) 3465-7861

Ouvidoria BNDES

Tel.: 0800-702-6307 Fax: (21)2172-7117
Caixa Postal 15054
20031-120 – Rio de Janeiro – RJ
ouvidoria@bndes.gov.br

Internet: www.bndes.gov.br

E-mail: faleconosco@bndes.gov.br

O BNDES não credencia nem indica quaisquer consultores, pessoas físicas ou jurídicas, como intermediários para facilitar, agilizar ou aprovar operações com o próprio Banco ou com as instituições financeiras credenciadas a repassar seus recursos.

